

Mascha Kaléko – um passarinho urbano no bosque da poesia alemã

Simone Pereira Gonçalves

No dia sete de junho de 2007 Mascha Kaléko teria completado cem anos. A imprensa alemã dedica uma especial atenção à descoberta de uma escritora esquecida. A “poetisa da metrópole” – conforme definição de Thomas Mann – alcançou sua glória na Berlim dos anos 1930. Nascida em 1907, na Galícia, Polônia, Kaléko fugiu com seus pais para a Alemanha quando foi deflagrada a Primeira Guerra Mundial. Em Berlim freqüentou o ensino intermediário, que não pôde completar, pois os pais não dispunham de recursos. Sua vida foi marcada pelo exílio, pelo sofrimento devido à ausência de pertença a um lugar, permanecendo sempre estrangeira onde quer que fosse. Na Alemanha, era uma judia polonesa, em Israel, uma judia alemã, nos Estados Unidos, uma européia incorrigível, e na Polônia, até hoje desconhecida.

Sua obra compreende quase exclusivamente poemas. Segundo o consagrado crítico literário alemão Marcel Reich-Ranicki, a clareza de Kaléko é vivaz, mas séria e elegíaca. Sua melancolia é geralmente leve, porém até mesmo audaciosa e engraçada. Como assim, melancolia engraçada? De acordo com Reich-Ranicki, que se vale de uma expressão do poeta Heinrich Heine, Kaléko vê o mundo com uma lágrima que ri. Thomas Mann fala de uma “melancolia bem-disposta”, de seu “deboche sonoro”. Seus primeiros poemas foram

Simone Pereira Gonçalves, *Mascha Kaléko – um passarinho urbano no bosque...*

publicados em periódicos berlineses, conquistando imediatamente muitos leitores e alguns críticos desorientados que não sabiam bem como classificar a novata. Associavam-na sobretudo a Kurt Tucholsky e Erich Kästner, aproximação que, segundo Reich-Ranicki, é a mais pertinente.

A origem desse surpreendente sucesso é óbvia. Trata-se da autenticidade de sua lírica, de sua autêntica ingenuidade. Ela escreve sem rodeios, ligando sentimentalidade irônica com desencanto sagaz, o que levou rapidamente e sem transtornos a um novo tipo de lírica de cidade grande. A autora põe em seus versos um sentimento de vida berlinesa temperado, fundamentado e, sobretudo, visualizado com observações do dia-a-dia.

Naquela época, final dos anos 1920, as pessoas estavam fartas da poesia expressionista, obscura, plena de metáforas e difícil para a maioria dos leitores – aliás, o que Kaléko escarnece de leve: “Aqui-lo que não se pode entender soa levemente a poesia”. Seus contemporâneos ela critica: “Todos eles sentem com os cérebros”.

O germanista Kästner e o jurista Tucholsky procuravam naquela época, enquanto poetas, refúgio na ingenuidade, mas no caso de Kaléko, ela partia da ingenuidade. Seu credo artístico revela-se em seu poema “sem modernismos”:

Não pertenço a nenhuma escola
E a nenhuma nova corrente
Sou apenas um pobre passarinho de cidade grande,
No bosque da poesia alemã.
Deus sabe, sou totalmente antiquada.
Envergonho-me até chegar à ruína:
É verdade, meus versos são apreciados,
no entanto, eles são... compreendidos.

Sua popularidade se deve à clareza e à simplicidade de seus poemas, que são aproveitados pelos cabarés berlinenses da época. Sua rima perpicaz e o aspecto cômico em seus versos são apropriados para o cabaré. Não obstante a autora dar a entender que não pertence a nenhuma escola, os críticos já lhe haviam atribuído um lugar na história da literatura. Assim como Else Lasker-Schüler era a única voz feminina entre os poetas do expressionismo alemão, Kaléko tornou-se a única mulher do movimento oposto daquela época: "a nova objetividade".

O primeiro e o último auge de sua poesia é atingido em 1933, com a publicação de *Caderno de Estenografia Lírica*, e, um pouco mais tarde, com *Pequeno Livro para Gente Grande*. Após 1933, a autora não poderá mais publicar na Alemanha.

Em 1938 Kaléko emigrou para os EUA; depois disso viveu em Israel, temporariamente na Alemanha e finalmente em Zurique, onde morreu em 1975. Em todos estes lugares sentiu-se só e infeliz, pois ninguém queria publicar seu poemas. A revista judaico-alemã "Construção", que era publicada em Nova York, não se interessava por seus versos que tratam da saudade, da saudade de casa. Estes temas não eram atuais para autores e leitores judeus. Em Israel tampouco houve editoras, leitores ou críticos que se interessassem pela poetisa.

Em 1956, a autora vai para a Alemanha pela primeira vez após a guerra. Em 1959 recebeu o prêmio Fontane da Academia de Artes de Berlim, o qual recusou porque o ensaísta Hans Egon Holthusen, diretor da sessão de poesia da Academia e ao mesmo tempo membro do júri, havia trabalhado na SS (organização paramilitar ligada ao partido nazista alemão) durante vários anos.

No espólio de Kaléko foi encontrada uma surpreendente carta de Martin Heidegger dirigida à autora: "Uma grande liberdade e uma segurança tranqüila estão presentes em seus versos. Seu *Caderno de Estenografia* diz que a senhora sabe tudo o que é dado saber aos mortais." [Retirado do comentário do crítico literário Marcel Reich-Ranicki no caderno de literatura de domingo do periódico alemão "Frankfurter Allgemeine Zeitung", 08/06/2007].

Simone Pereira Gonçalves, Mascha Kaléko – um passarinho urbano no bosque...

Regenabend zu Zweien

Damals hatten wir gar kein Geld mehr. Aber auch nicht einen Pfennig. Das letzte Honorar war für Stefans Studiengebühren draufgegangen und neues war noch nicht in Sicht. Der Kaufmann hatte schon an zwanzig Mark von uns zu bekommen, und auch an der Waschanstalt gegenüber drückten wir uns seit Tagen scheu vorbei...

Ich war ziemlich hungrig und mißgestimmt nach Hause gekommen. Mein ganzes Essen waren zwei bunte Brötchen am Automatenbuffet gewesen, und wenn eine gebratene Taube versucht hätte, mir in den Mund zu fliegen, ich hätte nicht nein gesagt. Aber das kommt ja nur noch in ganz unmodernen Märchen vor. Stefan hingegen machte es nichts aus, sich einmal nur auf geistige Genüsse einzustellen. Eine Pellkartoffel, sagte er, ist auch eine Gottesgabe. Er stand, wie immer um fünf, strahlend an der Haltestelle und winkte mir schon von weitem.

Es war ein trostloser Tag. Seit Stunden schon schüttete der Himmel Regen, und immer, wenn man dachte, jetzt muß der Vorrat da oben doch endlich einmal aufgebraucht sein, – klatsch, kam eine neue Lieferung. Die Taxis patschten durch die Pfützen, und der Wind tat, was sich für einen ordentlichen Wind schickt: er heulte... Der Zeitungsmann vorm Café hatte sich mit seinem Kram in einen Hausflur geflüchtet. Da stand er nun, machte einen jämmerlichen Eindruck und ein schlechtes Geschäft. Der Eissalon an der Ecke lag einsam und verlassen da. Wir schlurften untergefaßt über den glitschigen Asphalt. Meine klatschnasse Baskenmütze hatte ich abgenommen, und mein weißes Sommerkleid hing traurig an mir herunter. – So liefen wir nach Hause...

Wir bewohnten damals noch bei Frau Meilich ein Möbliertes, wie es im Buche steht. Frau Meilich aber war eine liebe, brave Frau und das Zimmer sauber und billig. An die Plüschgarnitur mit den Häkeldeckchen hatten wir uns allmählich gewöhnt, und der

Silberpokal mit der Widmung des "Putlitzer Sportvereins 1910" war in das Zimmer des neuen Mieters gewandert. Es war also erträglich. Besonders, da wir uns sehr wenig im Zimmer aufhielten, denn die Tage vorher waren noch herrlich gewesen.

Nun aber goß es in endlosen Strömen, die Fenster sahen verweint ins Zimmer, und das Elektrische entblößte unbarmherzig die spießigen Möbel einer verflossenen Epoche. Unsere tropfenden Sachen baumelten zum Trocknen, und das ganze Zimmer roch nach Warteraum... Stefan stopfte sich am Schreibtisch eine "Selfmade". So hatte er die Zigaretten getauft, die er sich aus einer verdächtig nach Seegras duftenden Tabakmischung zurechtdrehte. Ich hockte zusammengekauert in einer Talmulde unseres hügeligen Sofas, Beine hochgezogen, Arme über den Knien, machte ein dummes Gesicht und dachte gar nichts. – Da man aber, wie Stefan behauptet, immer irgend etwas denkt (folgt eine gründliche Analyse des menschlichen Denkapparates), muß ich wohl an ein ganz bestimmtes Garnichts gedacht haben. So oder so: meine Gedanken waren durchaus nicht vergnüglich.

"Möchtest du eine Zigarette?" fing Stefan an. Ich muß schon sehr unglücklich aussehen, wenn Stefan mir eine Zigarette anbietet. Er mag nicht, daß ich rauche.

"Danke."

"Danke ja oder danke nein?"

"Nein!"

Lange Pause. Wir sitzen da und schweigen uns an. Es ist ganz still im Zimmer. Nur ab und zu schlagen vereinzelt ein paar Regentropfen an das Fenster. Das hört sich an, als pickten Vögel mit harten Schnäbeln an die Scheiben. Der Regen ist fort, nur von der Dachrinne kommen noch langsam ein paar schwerfällige dicke Tropfen wie Nachzügler hinterhergelaufen.

Wir gehen beide an das offene Fenster. Die Neunundsechzig klingelt über die Schienen. Der Himmel ist erdbeerrosa und hat ein

Simone Pereira Gonçalves, *Mascha Kaléko – um passarinho urbano no bosque...*

paar helle Wolken vorgehangt. Ansichtskartenhimmel mit der Überschrift "Sonnenuntergang".

"Komm, wir wollen ein bißchen vors Haus, dann kann die schlechte Stimmung hier zum Fenster hinausziehen. Gute Luft ist auch für seelische Katarrhe gesund."

Unten stehen die Häuser da, frischgewaschen, mit Fenstern, blank wie Kinderaugen. Auf den klitschnassen Trottoirsteinen spiegelt sich ein bißchen Sonne, und es riecht wie nach einem Regen. Die Straßen entlang, vorbei an Schaufenstern: Trikotagen, Drogerie, Meyers Dauerwellverfahren, Schnellbesohlanstalt und ff. Delikatessen...

"Eine Flasche Wermut jetzt wäre gar nicht übel, was meinst du?"

"Ach was."

"Sag, habt ihr als Kinder auch manchmal 'Entsagung' 'gespielt?

– Kennst du gar nicht? Na, da haben wir uns vor die verführerischsten Auslagen gestellt und, nach dem Muster Fuchs und saure Trauben, im Tone höchster Verachtung gerufen: 'Schokolade?' – 'Hi... mag ich nicht. Marzipan?' – 'Pfui... schmeckt ja gar nicht', und so bei vielen Leckerbissen. – Schade, daß man schon zu groß dafür ist..."

"Du, haben wir denn gar nichts mehr?"

"Was meinst du... Geld?"

"Hm."

"Was meine Vermögensverhältnisse anbetrifft: Barbestand gleich null."

"Das ist nicht viel."

"Nein... aber warte mal, mir fällt da ein, ich muß noch ein paar Briefmarken haben. Holla... schau her: drei à fünfzehn, eine Fünfer und fünf Achter – macht insgesamt neunzig deutsche Reichspfennige, was sagst du nun?"

"Her damit, es ist kurz vor sieben, vielleicht bekomme ich noch

was dafür. Spring du nur inzwischen hinauf, das regnet ja schon wieder."

Wie ich mit meinen Einkäufen die Treppe hinauf will, es hat gerade noch zu einem Achtel Kaffee, beste Mischung, und einer Büchse Milch gereicht, kommt Stefan heruntergesaust. In jeder Hand zwei Selterflaschen.

"Weißt du, daß wir dafür nochmal vierzig Pfennig bekommen, – was bin ich für ein Finanzminister?" Also rasch noch zum Bäcker.

Das wird ja a ein Luxussouper heute abend. In der Kaffeemaschine dampft es schon, und durch das Zimmer geht ein Duft von "Zuntz sel. Wwe., erste Mischung". Wie hübsch *die gelben* Tassen auf der blauen Decke. Gemütlicher als vorhin. Will ich meinen. Und da draußen gießt es.

Wir saßen sehr vergnügt zusammen und fanden den Kaffee vorzüglich und den Kuchen ausgezeichnet. Dann legten wir eine Reveller-Platte aufs Grammophon, hörten begeistert zu, und es war bezaubernd. Wir begannen einen Foxtrott als Kanon zu singen, gaben es aber bald auf. Das Grammophon krähte sich ganz heiser, und als wir schon nichts Vernünftiges mehr hatten, holten wir ein paar uralte Schlager vor und spielten sie zu Ehren Vater Meilichs, dessen Photographie freundlich von der Wand herunterschielte. "Oh, Katharina" und "Wo hast du denn die schönen blauen Augen her" und "Eine kleine Seeeehehsucht" und "Valencia" und noch viel mehr.

Und der Regen draußen dachte gar nicht daran, aufzuhören, das pruzzelte nur so an die Scheiben. Die Nadel surrte auf den alten, abgespielten Platten, wir summten dazu, saßen da und waren glücklich.

Denn wir hatten uns sehr lieb damals...

Simone Pereira Gonçalves, Mascha Kaléko – um passarinho urbano no bosque...

Uma Noite Chuvisca a Dois

Naquela época não tínhamos mais dinheiro nenhum. Nem sequer um centavo. O último salário fora para a mensalidade da faculdade do Stefan e não se tinha nada de novo em vista. Já devíamos 20 marcos ao dono da venda e havia dias que passávamos nos esquivando timidamente pela lavanderia que ficava em frente...

Chegara em casa faminta e de mau humor. Dois sanduichinhos do bufê automático eram tudo que eu tinha comido. E se um pombo assado tivesse tentado voar para dentro da minha boca, não teria dito não. Mas isso só acontece em contos de fadas démodé. Em compensação, ao Stefan não importava contar uma vez somente com os prazeres do espírito. Uma batata cozida, dizia ele, é também uma dádiva divina. Às cinco, como de costume, sempre estava radiante na parada e de longe me acenava.

Estava um dia inconsolável. Havia horas que do céu desabava um aguaceiro, e sempre que se pensava que desta vez enfim a provisão lá em cima devia ter se esgotado, chuá, lá vinha uma nova remessa. Os táxis passavam pelas poças chapinhando água e o vento fazia o que convém a um vento de verdade: uivava... O jornaleiro de frente do café refugiara-se com suas tralhas na entrada de uma casa. Lá estava ele, causava uma impressão deplorável e fazia mau negócio. O café na esquina encontrava-se solitário e abandonado. Caminhávamos de braços dados sobre o asfalto escorregadio. Tirava minha boina encharcada e meu vestido branco de verão caía triste em mim. Assim fomos para casa...

Naqueles tempos morávamos ainda na casa da Sra. Meilich, em um quarto mobiliado, como consta nos livros. A Sra. Meilich era uma mulher amável e muito correta, o quarto limpo e barato. Com o jogo de móveis de pelúcia e as toalhinhas de crochê nos acostumáramos gradativamente, e a taça de prata com a dedicatória da "Associação Esportiva, 1910" migrara para o quarto do novo inquilino.

Portanto era suportável, particularmente porque passamos muito pouco tempo dentro do quarto, já que os dias anteriores haviam sido esplêndidos.

Agora chovia a cátaros, as janelas olhavam lacrimosas para dentro do quarto, e a luz elétrica desnudava sem piedade os móveis antiquados de uma época passada. Nossas coisas ensopadas estavam dependuradas para secar, e o quarto todo cheirava a sala de espera... Na escrivaninha Stefan enrolou um "selfmade". Foi assim que ele batizou os cigarros que sabia fazer com uma mistura de tabaco que tinha o cheiro suspeito de sargaço. Acocorei-me na concavidade de nosso velho sofá que de tão funda assemelhava-se a um vale entre colinas, os braços sobre os joelhos, com uma cara de boba e sem pensar em absolutamente nada. Mas como segundo Stefan sempre se pensa em alguma coisa (segue uma análise profunda do aparato pensante humano), devo ter pensado em um absolutamente-nada bem preciso. Em todo caso, meus pensamentos não eram nem um pouco prazerosos.

– Aceita um cigarro? - começou Stefan. Devo estar com uma cara bem infeliz para o Stefan me oferecer um cigarro. Ele não gosta que eu fume.

– Obrigada.

– Obrigada sim ou obrigada não?

– Não!

Longa pausa. Estamos sentados e calados. No quarto, um silêncio total. Apenas de vez em quando algumas gotas de chuva isoladas batem na janela como se fossem pássaros bicando-lhe duramente o vidro. A chuva cessou. Somente da calha escorrem devagar e atrasadas algumas gotas grossas e pesadas.

Ambos vamos até a janela aberta. Sobre os trilhos, o bonde número 69 soa sua campainha e o páramo de uma coloração rosa-morango estendeu algumas nuvens claras. Céu de cartão postal com a epígrafe "pôr-do-sol".

Simone Pereira Gonçalves, Mascha Kaléko – um passarinho urbano no bosque...

– Vem, vamos lá pra fora, assim este tédio pode sair pela janela. Ar fresco também é salutar para os defluxos da alma.

Lá embaixo, as casas se encontram recém-lavadas, com janelas reluzentes como olhos infantis. O sol espelha-se de leve sobre as pedras da calçada completamente molhadas e há um cheiro no ar como depois de uma chuva. Pelas ruas e vitrines: artigos de malhas, drogarias, métodos de permanentes Meyer's, sapataria rápida, delicatessen e assim por diante...

– Uma garrafa de vermute não seria nada mal, o que que você acha?

– Não me diga.

– Vem cá, vocês também brincavam de “recusar” quando crianças? Você não conhece mesmo? A gente se postava diante das vitrines mais sedutoras e, como a raposa e as uvas azedas, falávamos em tom de profundo desprezo: “Chocolate?” – “Ih... Não gosto. Marzipã?” – “Eca... Não tem gosto de nada” – e assim por diante com outras guloseimas. Pena que já se esteja grande demais para isso...

– Ei, não temos mais nada?

– O que você quer dizer... dinheiro?

– Ahã.

– No que diz respeito às minhas circunstâncias financeiras estou a zero.

– Isso não é muito.

– Não... Mas pera aí, me ocorreu que devo ter ainda alguns selos. Ahá... olha aqui: três de quinze, um de cinco e cinco de oito. Isso dá no total noventa centavos do Reich alemão. Então, o que você diz?

– Dá aqui, são quase sete horas, talvez ainda consiga algo com isto. Enquanto isso volta lá pra cima, já está chovendo de novo.

Ao querer subir com as minhas compras – mal deu para cento e vinte e cinco gramas de café, melhor mistura, e uma lata de leite –

veio o Stefan correndo pela escada. Em cada mão duas garrafas de água mineral.

– Sabe que podemos ganhar 40 centavos com isso? Não me saí um perfeito ministro da Fazenda, hein? – E então corre para a padaria.

Vai render um banquete hoje à noite. A máquina de café já está fumegando o vapor e o aroma de "Zuntz sel. Wwe., primeira mistura" atravessando o quarto. Que bonitas as xícaras amarelas sobre a toalha azul. Mais aconchegante que ainda há pouco, é o que quero pensar. E lá fora o aguaceiro.

Estávamos sentados juntos deleitados, achando o café delicioso e o bolo uma loucura. Aí pusemos um disco Reveller no gramofone. Ouvíamos entusiasmados e estava encantador. Começamos a cantar um foxtrote em cânone, mas logo desistimos. O gramofone arranhava bem rouco e quando já não tínhamos mais nada de razoável, partimos para as baladas antiqüíssimas e as pusemos para tocar em homenagem ao pai Meilich, cuja fotografia olhava gentilmente para baixo de soslaio. "Oh Katharina", "De Onde Tiraste Então estes Belos Olhos Azuis", "Uma Pequena Saudade", "Valêncio", e muito mais.

E a chuva lá fora nem pensava em parar, batia crepitante no vidro. A agulha zunia no velho disco, gasto pelo tempo. Acompanhávamos cantando, lá sentados e felizes.

Pois naquela época gostávamos muito um do outro...

Simone Pereira Gonçalves, *Mascha Kaléko – um passarinho urbano no bosque...*

Leises Sommer-Finale

Die letzten Wochen waren nicht schön gewesen. Oh, nein. Es war gut, die Koffer zu packen und sich fortzumachen aus einer Stadt, von der nichts mehr zu hoffen, mancherlei aber zu vergessen war. Diese endlose Kette von immergleichen sinnlosen Tagen, in denen sich nichts änderte als das Datum, in denen nichts gedieh als das Grauen von morgen.

Und dann die Sache mit Michael... Es war gut, die Koffer zu packen. Einen dicken Strich darunter.

Nun sitze ich hier seit einer Woche in einem winzigkleinen Fischerdorf, und der Tag hat wieder Morgen, Mittag, Abend. Und Nächte voller Sterne.

Am Tage liege ich im feinen gelben Sand und lasse mich von der Sonne durchglühen. Es gibt auch einen stillen kleinen Wald mit einsamen Wegen. Aber nein, das ist das Beste, so in Sand und Sonne zu liegen. Allein und an nichts denken...

Abends stehe ich am Hafen herum, mitten unter alten Schiffen, und sehe zu, wie die Leuchttürme vom anderen Ufer buntaufflammende Funken über das Wasser schicken.

Schön ist die Nacht am Meer mitten auf der alten Mole oder allein auf einsamen Dünen. Die geflickten Fischernetze schaukeln leise im Wind, und es riecht ganz entfernt nach feuchtem Tang. Hier und da fallen mir ohne jeden Zusammenhang ein paar Verse ein, aber es wird nichts...

“Ich heiße Michael...” – Damit hat es angefangen. Dies war der erste Eindruck: nettes Gesicht, anständige Augen, aber dieser Zug um den Mund...

Deine Augen haben nicht Wort gehalten, Michael, und wenn ich hier an dich denke, sehe ich immer wieder jenen Zug um den Mund, der meinem Blick für lange Zeit entschwunden war. – Und was steht dazwischen. Ein paar Wochen nur. Und so viel...

Früher mußte ich viel daran denken. Aber nun liegt ja alles hinter mir. Zuweilen ist mir sogar, als könnte ich darüber sprechen; denn nun weiß ich: viele Dinge können nur nicht aus uns heraus, weil wir noch zu tief in ihnen stecken. Aber jetzt... jetzt gehe ich neben mir spazieren und sehe mich selber an. Wie ein Fremder. Mal so von der Seite und manchmal auch von oben herab. Ich stehe nun, wie man so schön sagt, "über den Dingen".

Und darum könnte ich vieles erzählen, Michael. Manches, das dir zuletzt unerklärlich schien. Und die paar ungesagten Worte, um derentwillen alles zu Ende ist. – Du würdest vieles verstehen, und es wäre nicht zu spät... Für dich, Michael. Aber für mich ist es ja nun wohl vorbei.

Gestern habe ich lange am Strande gesessen und an mancherlei gedacht. Plötzlich lag der Abend schwarzblau über dem Meer. Ich fühlte mich so allein. Mir war, als wäre die Sonne ertrunken.

Hier müßte man mit einem sein, den man liebt, dachte ich. Und ich bin von ihm gegangen.

Seit Stunden und Stunden regnet es. Bleigraue Nebelwolken kriechen aus dem Wasser und hüllen das ganze Dorf ein. Ist die Sonne ertrunken? Es war ein langsames Abschiednehmen in den letzten Tagen. Ganz tot liegt der Strand da, und auch die paar jungen Leute aus der benachbarten Kleinstadt, die noch gestern in ihren bunten Strandkostümen Badegast spielten sind heute früh abgereist.

"Ja, nun will es wohl Herbst werden", sagen meine Wirtsleute.

Schwer hängen die Obstbäume voll süßer Früchte, und die Gärten leuchten weithin mit ihren frohen bunten Sommerblumen. Bald werden Blätter fallen. Eine leise Traurigkeit kommt schon jetzt über die Menschen.

Ich habe Angst vor dem Herbst... Jetzt müßte man fort, mitten aus dem letzten Leuchten des Sommers, ehe alles vorbei ist.

Warum sitze ich noch hier?

Kalt ist es geworden. Neblige Regenschauer haben den blauen

Simone Pereira Gonçalves, *Mascha Kaléko – um passarinho urbano no bosque...*

Himmel verjagt. Nun hängen undurchdringlich graue Wolkenknäuel wie feuchte Watte über dem Meer. Breit, aufdringlich, trostlos.

Wo ist das kleine Dorf, wo der Leuchtturm vom Ufer drüben?
Hat sie der riesige Nebelballen verschlungen? Wo sind die Sterne geblieben?

Das ist keine Nacht mehr am Strand, nur eine ewige Dämmerung.

Oben an der kleinen Fischerkate haben sie die Netze schon hereingebracht, und auch Schwarzweiß, der schielende Schäferhund, hat sich, den Schwanz beleidigt eingezogen, vor dem Regen geflüchtet. Nur ein paar verlassene Boote schaukeln noch einsam auf den Wellen hin und her... Ihre Nasen taucht der Wind tief ins Wasser, so daß sie von weitem aussehen wie blanke schwarze Wassertiere, die einer hier vergessen hat...

Lehmig aufgeschwemmt sind die Wege, und drüben am Wald hat der Sturm gestern nacht schon eine Handvoll Blätter heruntergepeitscht. Da liegen sie nun, spiegeln sich traurig in der Pfütze — und sind doch noch so frisch und grün...

Dieses 'Ahnens vom Welken der Wälder und Ersterben der Wiesen, von nebeldüsteren Tagen und endlosen trüben Nächten macht vergessen, daß es einen Frühling gegeben hat. Schon hat das Schweigen von Sommerserde die Vögel befallen. Und auch die Menschen gehen stumm aneinander vorbei, als hätten sie sich gar nichts mehr zu sagen.

Sommer... Aus und vorbei!

Die Sonne kommt wohl noch mal ein bißchen zu Besuch, aber das wird nichts mehr...

Ja, nun will es also Herbst werden.

Heute habe ich zum letzten Male nach der Post gefragt. Aber du hast nicht geschrieben, Michael. Nicht ein Wort.

Wozu auch...

Es geht mich eigentlich auch gar nichts mehr an. Wenn ich es gewollt hätte, wäre es ja anders. — Ich meinte nur so.

Es ist dieser Anfang vom Ende... Er fällt so schwer — das heißt, er ist noch ungewohnt. Aber es soll anders werden. Dazu haben wir die Koffer nicht gepackt.

Keineswegs!

Wozu wäre sonst wohl jene Stadt da, die mich ruft, jener Ort, der schon darauf lauert, all das auszulöschen, was noch so unnütz glimmt. Es wird schon werden.

Und dasß du's nur weißt, Michael: Wir sterben nicht daran.
Oh, nein!

Einen dicken Strich darunter...

Übrigens – jenes kleine Lied "Ich muß schon manchmal an das Ende denken", ist noch gar nicht so alt. Es ist am letzten Abend in Cladow entstanden.

Discreto fim de verão

As últimas semanas não tinham sido boas. Ah, não. Era bom fazer as malas e ir embora de uma cidade da qual não se esperava mais nada e muitas vezes se quisesse esquecê-la. Essa corrente sem fim de sempre, os mesmos dias sem sentido, nos quais nada mudava, a não ser a data, nos quais nada prosperava, a não ser o horror do amanhecer.

E então a história com Michael... Foi bom fazer as malas. Pôr um ponto final.

Agora estou aqui sentada há uma semana, em um minúsculo vilarejo de pescadores, e o dia tem novamente manhã, tarde e noite, e noites estreladas.

Simone Pereira Gonçalves, *Mascha Kaléko – um passarinho urbano no bosque...*

Durante o dia fico deitada na areia fina e amarela e me deixo torrar pelo sol. Há também um pequeno bosque silencioso e com trilhas solitárias. Mas não, o melhor é ficar no sol deitada na areia. Sozinha, sem pensar em nada...

À noite fico parada no cais, no meio dos velhos barcos, e vejo como os faróis do outro lado da margem mandam faíscas coloridas e bruxuleantes.

Bela é noite ao mar no meio do velho molhe ou sozinha sobre as dunas solitárias. As redes de pesca remendadas balançam silenciosamente ao vento e bem de longe cheira a sargaço úmido. Aqui e acolá me vêm à mente alguns versos desconexos, mas não vai dar em nada...

– Eu me chamo Michael... – assim começou. Esta foi a primeira impressão: uma cara simpática, olhos sinceros, mas esse traço em torno da boca...

Seus olhos não cumpriram a palavra, Michael, e quando penso em você aqui, sempre vejo aquele traço em torno da boca, que por longo tempo desaparecera dos meus olhos. – E o que há neste entretempo, algumas semanas apenas, e tanto...

Antes pensava muito nisso, mas agora ficou tudo para trás. Às vezes é como se pudesse falar a esse respeito; pois agora sei: muitas coisas não podem sair simplesmente de nós, porque ainda estamos muito envolvidos com elas. Mas agora... agora vou passear bem fora de mim e me observar. Como uma estranha. Às vezes de lado e também de cima para baixo. Estou, como bem se diz, “acima de tudo isso”.

E por isso poderia contar muitas coisas, Michael. Algumas coisas que ultimamente te pareciam inexplicáveis. E as palavras não ditas, por conta das quais tudo terminou. Você entenderia muitas coisas e não seria tarde demais... Para você, Michael. Mas para mim acabou mesmo.

Ontem passei muito tempo sentada na praia pensando em algumas coisas. De repente, a noite azul-negro estendida sobre o mar. Eu me senti tão só. Era como se o sol tivesse se afogado.

Aqui tinha que se estar com alguém que se ama, pensei. E eu o deixei.

Há horas e horas que está chovendo. Nuvens cor de chumbo arrastam-se da água encobrindo todo o vilarejo. Será que o sol se afogou? Fora um lento despedir-se nos últimos dias. Lá repousava a praia completamente morta, e os poucos jovens da cidadezinha vizinha, que ainda ontem davam uma de banhistas com seus trajes de banho coloridos, partiram hoje cedo.

"É, o outono está querendo chegar", dizem meus hospedeiros.

As árvores estão carregadinhas de frutos doces e os jardins continuam a reluzir com suas flores alegres e coloridas. Em breve cairão as folhas. As pessoas já estão sendo acometidas por uma sutil tristeza.

Tenho medo do outono... Agora seria preciso ir embora, no meio do último fulgor de verão, antes que tudo se acabe.

Por que ainda estou sentada aqui?

Esfriou. As chuvas nebulosas afugentaram o céu azul. Agora se penduram, impenetráveis novelos de nuvens cinzentas como algodão úmido sobre o mar. Amplos, intempestivos, desalentadores.

Onde está o pequeno vilarejo, cadê o farol da margem de lá? Foram devorados pelo imenso encastelamento das nuvens? Onde ficaram as estrelas?

Na praia não existe mais noite, apenas um eterno crepúsculo.

Lá em cima, já levaram as redes para a pequena choupana de pescador. Também preto-e-branco, o pastor alemão estrábico encolheu o rabo ofendido, fugido da chuva. Apenas alguns barcos balançam ainda solitários ao sabor das ondas... O vento mergulha fundo as proas, de modo que ao longe se assemelham a um animal aquático negro e lustroso, que alguém esqueceu por aqui...

Barrentos e encharcados estão os caminhos, e do outro lado contíguo ao bosque, um punhado de folhas já foram fustigadas pela

Simone Pereira Gonçalves, *Mascha Kaléko – um passarinho urbano no bosque...*

tormenta de ontem. Ali repousam, espelham-se tristes nas poças – e, no entanto, de um verde tão fresquinho...

Esse presságio de esmorecimento dos bosques e extinção da relva, de dias sombrios, nublados e de infindas noites turvas faz esquecer que houve uma primavera. Os pássaros já foram acometidos pelo silêncio de fim de verão e as pessoas passam mudas umas pelas outras, como se não tivessem mais nada a dizer.

Verão... finito, acabado!

O sol retorna um pouquinho de visita, mas não mais vingará.

É, o outono está querendo despontar.

Hoje perguntei pela última vez pelo correio, mas você não escreveu, Michael. Sequer uma palavra.

Também pra quê...

Isso já não me diz respeito. Se eu tivesse querido, seria diferente. Só pensei assim.

É o começo do fim... tão duro, isto é, inabitual ainda. Mas deverá mudar. Não foi para isso que fizemos as malas.

De jeito nenhum!

Para que haveria de existir então aquela cidade que me chama, aquele lugar que só está à espreita para apagar tudo que brilha inutilmente. Vai passar.

E fique sabendo, Michael: não morremos por isso. Ah, não!

Um belo ponto final...

Aliás, aquela pequena canção, "Às vezes já preciso pensar no fim", ainda não é muito antiga. Foi composta na última noite em Cladow.